



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

Os BANDOS ESCOLÁSTICOS DA FESTA DE S. NICOLAU.

(sem indicação de autor)

Ano: 1905 | Número: 22

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Os Bandos escolásticos da festa de S. Nicolau. *Revista de Guimarães*, 22 (3-4) Jul.-Dez. 1905, p. 161-177.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

OS BANDOS ESCOLASTICOS

DA

FESTA DE S. NICOLAU

Entre as usanças da tradicional festa de S. Nicolau, celebrada pelos estudantes de Guimarães desde data incerta mas bastante remota, comprehendia-se, e comprehende-se ainda, um Bando ou Pregão em verso que, como especie de programma da festa, era declamado nas ruas e praças por um dos academicos festeiros.

Esses Bandos, além de recitados, começaram a ser impressos em 1847, existindo na Bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento uma collecção em que só falta o de 1882.

N'este mesmo anno de 1847, no volume posthumo das *Poesias* do dr. João Evangelista de Moraes Sarmento, se publicaram os Bandos escolasticos de 1817, 1818, 1819 e 1822, que o medico portuense escrevera durante a sua longa permanencia em Guimarães.

Dos Pregões de S. Nicolau nenhum mais vira a luz da publicidade.

Mas um velho entusiasta das festas escolares, Antonio Joaquim d'Almeida Gouvêa, ha pouco fallecido, tinha archivado manuscriptos certo numero de Bandos, dos quaes o nosso amigo, snr. Abbade de Tagilde, poude haver copias que offereceu à Bibliotheca da Sociedade Martins Sarmento.

São esses os que agora publicamos, juntandc-lhe um outro Bando que em 1870 os estudantes dissidentes fizeram recitar por Joaquim Peixoto d'Abreu Vieira, e que tambem existe manuscrito na mesma Bibliotheca.

Salvamos assim do perigo d'extravio ou destruição, documentos que podem um dia constituir interessantes subsidios para o estudo de uma das mais curiosas tradições vimaranenses.

Porto, 1905.

JOÃO DE MEIRA.

Bando escolastico — 1827

Que dias! socios meus! Vimaranenses!
 Ó patria! Ó Lusos! que brilhantes dias,
 O sol de Lysia em novo signo entrando
 Novos astros reune, e a luz redoura;
 Como scintillam! e que longas series
 Nos não deixam prever de bens, de gloria!
 Que novo lustre! que porvir! que alento
 Ao commercio fiel, á industria, ás artes,
 Sua força vae dar seu claro influxo!
 Que certa esperança de Minerva aos filhos,
 Que por arduos caminhos procurando
 O bem da patria, o seu bem, seu premio,
 Já não receiam escureça o merito.
 Juventude briosa, eis nosso estimulo!
 Nossos foros, liberdades justas,
 Jámais nos roubará mão arbitraria.
 De Jove a duplice, cerebrina prole,
 Minerva, Astrea, que nem sempre juntas
 Se tem mostrado no moral concurso,
 Desde hoje se verão p'ra sempre unidas.
 E não são estes de Saturno os dias?
 Não volve a Portugal a idade d'ouro?
 Oh! proficua estação a todos grata!
 Duradoura estação, mas p'ra nós outros
 Que dia vae raiar entre estes dias!
 Lá quando no horisonte as roseas portas
 De novo a Aurora abrir, mostrar ao mundo
 O dia fausto do pastor de Nisia,
 No dia d'amanhã nossa alegria,
 Um doce entusiasmo e nobre brio,
 Mostrará que sabemos por prudentes
 Unir com sabias leis antigos usos.

« Tu bem o sabes já, gordo rendeiro,
 « Não queiras ser este anno marralheiro.
 « Respeita a propriedade, que é sagrada,
 « E não dês do peor, que é velhacada.
 « As maçãs, d'ouro não, mas tão perfeitas,
 « Tão dignas de ser dadas. ser acceitas.
 Que entre as bellas toucadas não irritem,
 Mas a fagueiros risos as excitem
 As castanhas que sejam bem assadas,
 Bem seccas, limpas e lauritostadas.
 Pois sómente por termol-as perdidas
 É que Titiro usava das cozidas.
 As nozes chamar-te-hão pragas mordazes
 Se pedras as acharem os rapazes.
 E os tremoços se mellados forem
 Serão para te emplastarem e comporem.
 Reduzida que seja a palha a bom dinheiro
 Fica a palha para ti no teu celleiro.
 Porque gazella, que o estudante monta,
 Não come n'esse dia, é como tonta.
 Eis teu regimen, pois para ti ó povo
 Vou formar tambem um que não é novo.
 Não é das artes inimiga a sciencia,
 Mas dar-lhe egual valor isso é demencia.
 O sabio, o joven, que do sabio aprende,
 Se as não pratica, suas leis entende.
 Bem pôde ser eximio o mestre d'arte,
 Mas fica-lhe inferior já n'esta parte.
 Tem nossa estima sim, mas não razão
 Se ingerir-se quizer n'esta funcção;
 Ella é só nossa e por direito antigo
 Nos cumpre então tratál-o d'inimigo.
 Não ha hostilidades sanguinarias,
 Mas temos para o curar receitas varias;
 Supapos, canellões, poleadellas,
 E um banho ainda mais fresco que em Caldellas.
 Não é de presumir queiram proval-as,
 Porque se a isso chegar hão de mamal-as;
 Pois não queremos que a posteridade
 Forme eguaes pretencões na impunidade.
 O mais tudo ha de ser bom, tudo pomposo,
 Que dia para nós tão venturoso!
 Depois que á rua sahir o estudante
 Não haja de repouso um só instante.
 Ao som de sua voz, se são loquazes,
 Ou ao som d'algazarra dos rapazes.
 As mães, as filhas, amas e creadas,
 Para as janellas corram apressadas.
 Té as mesmas cozinheiras d'alcateia
 Deixem aos gatos a partida ceia.
 Seja emfim geral tanta alegria,
 Porque assim o pede o tempo, assim o dia.

FIM

Recitado por Sarmento Junior.

*

Bando escolastico — 1828

Silencio! Ninguem falle; ouça-me tudo,
 Que eu prometto fallar com som agudo.
 A trombeta da fama não me falta,
 Do que ella a minha voz será mais alta.
 O mundo a ouvirá porque a espera
 N'um dia em que costuma rir a Esfera.
 Dia de Nicolau, inclito santo,
 Que ha longas eras se festeja tanto;
 Mas que nunca surgiu mais venturoso,
 Mais faceto e melhor p'ra n'osso goso.
 Tudo hoje é prazer, tudo é ventura,
 Depois da mais perigosa conjunctura.
 Nos santos se honra a Deus, não são abusos,
 Por elles temos rei e somos lusos;
 Oh! que de males tem em Lysia entrado,
 Que a sua intercessão tem dissipado!
 Aqui é Nicolau o nosso escudo,
 De nossos males defensor, guia no estudo.
 Para honral-o pois, qual n'este dia
 Senão deve ostentar nossa alegria!
 Festivas danças, licitos folgares,
 Não mancham o sagrado dos altares.
 Briosos filhos de Minerva Augusta,
 Continue-se em posse tão vetusta,
 Que nos dá para a funcção justo direito
 E a que Guimarães já está affeito.
 Sem ella murcharia o melhor gosto
 E a todos desprazer viria ao rosto.
 Vós, encanto da vida, vós, ó bellas,
 Do mundo social ricas estrellas,
 N'ella interesse tomae, sois seu ornato,
 Por um gentil aspecto a todos grato.
 A mais guardada, tímida donzella,
 Se concede este dia de janella.
 Alli n'almo prazer as almas pulam
 E assim nossos brios se estimulam.
 Mais vale um riso seu, que ovantes louros,
 Mais vale seu amor, que mil thesouros.
 Por um tal premio quem duvidaria
 Ir provar a fortuna d'este dia?
 Qual será d'entre os filhos de Minerva
 A quem esta ambição na alma não ferva?
 Que não procure com industria ou arte
 Mostrar-se digno d'ella em toda a parte?
 Que por cobarde emfim não saia a campo
 E murche em casa como um figo lampo?
 Oh campo de Guimarães, amanhã o dia,
 Agradar tão sómente é porfia.
 Emblemas e feições, ditos galantes
 São para na lide entrar armas bastantes.
 Nenhum se escuse pois, todos se apromptem
 Ou seja a pé, ou a cavallo montem.

E em tendo alliviado o bom rendeiro
 No circo cada qual seja o primeiro.
 Corra e torne a correr, que a meta amada
 Não se toca sem ser com afan buscada.
 E quando o aureo dia, o sol luzente,
 Levar comsigo ás terras do occidente,
 Ufanos de colher no jogo as palmas,
 Não sahe a gratidão das nossas almas.
 Exalcemos nas vozes mil louvores
 A Nicolau illustre e a seus favores;
 Saíam do peito, com fervor inteiro,
 Vivas ao grande rei Miguel primeiro.

FIM

Bando escolastico — 1829

Exultemos, ditosos lusitanos
 Lysia é um paraiso entre os humanos.
 Da horrenda escravidão onde cahimos
 Já ao cume da gloria resurgimos;
 Triumpha a religião, pendões arvora,
 Com ella o grão Miguel seu throno escóra.
 Pio e Fernando já dos reis mais justo
 Saudam com prazer o nome augusto.
 Graças a Nicolau! Elle fez tudo,
 Qual protege das sciencias o estudo.
 O sentido inspirou da lusa lei
 Para a patria saber qual o seu rei.
 Fez unanime a voz dos Tres Estados,
 Fez sumir os infames revoltados.
 Á face de Miguel tudo descança,
 Astrêa de sua mão fia a balança.
 As artes, o commercio, agricultura,
 Fazem da patria universal ventura.
 E se a ti, ó Nicolau, tanto devemos
 A quem senão a ti festejaremos?
 Mas só quem corre o giro litterario
 Aqui poderá ser funcionario.
 Como politicavas, caixeirinho,
 Outr'ora, e de tal côr o teu colarinho,
 Quererás tambem aqui dar colherada
 Por dizer: tres vezes seis dezoito nada?
 Se não tomas juizo, ó meu brutesco,
 No celebre Toural tens banho fresco.
 Vós, que accendeis d'amor as ternas chammas,
 Não penseis esquecer lindas madamas.
 Tudo de prevenção esteja guardado
 Para o traje mais florido e acaado.
 Florões caíam, toucados e polvilhos,
 Que importa que ferros e espartilhos

Vos magoem as carnes tão mimosas,
 Se com isto julgaes que sois formosas ?
 Não orneis de damascos as janellas,
 Comvosco as ornæ, gentis donzellas;
 Pois comvosco é que tudo é brilhante,
 E que seria sem vós d'um terno amante ?
 Tudo seja d'amor tudo guapo,
 O ginja que ralhar leva sopapo.
 Manhã ou de ginete esporeando,
 Ou com gostos mil a pé calcando,
 Correndo o sol já meio espaço,
 Lá te vamos visitar rendeiro escaço.
 E se tudo não fôr cheio e aceado
 Tens logo de chorar teu triste fado.
 Em correndo a villa e arredores
 Cada um brindará os seus amores.
 D'um Páris colherão Venus formosas
 Maçã que tenta Evas cobiçosas.
 Serão de louras nozes as manadas,
 P'ras trigueiras que sejam engraçadas.
 S'alguma a seu pezar é feia ou velha,
 Não lhe toca por lei maçã vermelha ;
 Mas para não desgostar terá da renda
 As feiradas castanhas p'ra merenda.
 Porfie cada qual ser a primeira,
 A mais terna, briosa e falladeira.
 Vós, que ao domingo andaes entertelhados,
 Ouvi do nosso jús estes mandados :
 Mascara, exhibição, festiva dança,
 Que ao coração das Nimphas prisões lança,
 É cacho que ninguem mais depenica.
 Olhae que os repicados collarinhos
 Não livram de varrer a terra com os focinhos.
 Emfim, respeito e amor tudo tempera,
 Mais vale bem fiz eu que s'eu soubera.
 Rufando annunciem os tambôres
 O sacro Nicolau e seus louvores ;
 E na da fama alti-sonante tuba
 O modelo dos reis aos astros suba.

FIM

Bando escolastico — 1831

Já retumbam os echos d'alegria,
 Tornou Lysia a vêr a luz do dia.
 Ó sacro Nicolau, intercedendo,
 Fizeste dissipar negrume horrendo.
 Por vós do solio seu, immenso, augusto,
 Um Deus nos enviou um rei mais justo.

Já assombrado respeita o mundo inteiro
 Mimoso dom dos céos, Miguel primeiro.
 Que nome! Eis gloria nunca ouvida,
 Por vós ainda é pouco dar a vida.
 Eis de vós e do altar sustem a sorte
 Heroes que sabem triumphar da morte;
 E fique a eternisar vossa memoria
 Da fama a chamma, e o clarão da historia.
 Impios, que ser haveis orgulhosos,
 Já na ruina das nações ser venturosos,
 Pasmae de vêr a lusa juventude
 Solida sciencia unir com a virtude.
 Quem póde hoje hobrear com o estudante
 Do oraculo da luz tão radiante?
 E sem faltar ao ministerio litterario
 Arma-se por seu rei, é voluntario.
 Grosseira, ignorante, vil canalha,
 Pensaveis comnosco ter equalha?
 Se comtigo antipatiso, audaz caixeiro,
 Não cuides esquecer-me no tinteiro.
 Quero por compaixão desenganar-te:
 Sem do sabio Pereira dar a Arte,
 Ao som da estrondosa palmatoria,
 D'este dia não ha jús á gloria.
 Se algum Mylord de descarado papo,
 Deixando da semana o velho trapo,
 D'esses que estrellas vêem ao meio dia,
 Só para no dia santo ter folia,
 Em paga de metter de taralhão
 Na malha cahir, na nossa mão,
 No tanque do Toural tem fresco banho
 Para lhe refrescar calor tamanho.
 Respeitar-nos pois sempre é mais seguro.
 Na renda seja tudo do mais puro.
 Não pense o tal calouro que nos manga;
 Vel-o-heis abaixar a nariganga,
 O bandulho tremer, bater o queixo.
 Se p'ró fim, lindas madamas, eu vos deixo
 Vós sois d'esta funcção remate e corôa;
 Funcção, que das funcções abate a prôa;
 Mas posso dispensar despeza vossa
 Se o affecto fôr todo em honra nossa.
 Pouparei-vos janellas damascadas
 Pois comvosco serão mais bem ornadas.
 Por pintadas e brilhantes luminarias
 Volvam dos olhos as meninas varias.
 Por foguetes de lagrimas ou respostas
 Travaremos conversas bem dispostas.
 Por fingidas aguas de repuxo
 Aparecei todas d'apurado luxo.
 Se entre espinhos mais brilha a linda rosa
 Entre as feias brilhará a mais formosa.
 E como os gostos sejam relativos
 Vós, feias, tambem tendes attractivos.

Póde o rosto ser lavrado, e a côr baça,
 E a boca suavisar ternura e graça.
 A maçã, mimosa prenda d'este dia,
 Será premio da belleza ou sympathia.
 Por compaixão as feias terão nozes
 Se ás nossas responderem suas vozes.
 Ás velhas gaitieras, arrebidadas,
 Atirem-se-lhes castanhas ás manadas.
 O chiste com que a mãe mais se regala
 É vêr que para a filha é dia de gala.
 E não ha migalhinha mais do gôto
 D'um pae, que outr'ora foi garôto.
 Casquilhos, sentido... olá... cautella!
 Amanhã nem deitar olhos p'ra janella.
 Regosijos, festejos e agrados,
 São o fim dos estudantes mascarados.
 E quem da proposta paz quebrar os laços
 N'um instante é feito em pedaços.
 Mãos, que só mereceis colher flôres,
 Rufae com alegria nos tambores,
 Para que dê echo em todo o mundo
 Este o mais fausto dia, o mais jucundo,
 Elevando da gloria ao alto cume
 O modelo dos reis, o pae, o nume.

FIM

Auctor — Padre Francisco José Vieira de Faria.
 Recitado por Antonio Joaquim de Almeida Gouvêa.

Bando escolastico — 1838

Exultae de prazer, ó habitantes,
 Funcção de Nicolau, fausta qual d'antes,
 Retorna festival, não retrograda.
 Á nobre juventude ás letras dada
 O crastino dia é seu exclusivo,
 D'afanasas fadigas incentivo.
 Na sciencia da rasão, arte jucunda,
 Medita, raciocina e se aprofunda
 O estudante analytico subindo,
 A sua primeira causa descobrindo.
 Pittoresca, grandiloca, sonora,
 Excedeste as estranhas até agora.
 Quanto é dado attingir aos humanos,
 O theologo decifra altos arcanos
 Da moral e dogmatica fé pura,
 Interprete da Egreja e da Escriptura.
 Mais rude ainda outro se amofina
 Nos hyperbatons da lingua latina.
 Sem da celeste luz as influencias
 Penetrar, quem podia altas sciencias?

Quanto nas letras se tem florescido
 Ao sacro Nicolau tudo é devido.
 A elle se dedica o jucundo dia
 E sem elle, ó habitantes, que seria?
 Mas, p'ra dolo evitar, ide escutando
 Inviolavel accordão venerando:
 Seu merito não ha jús a gloria;
 Meio anno pague fôro á palmatoria,
 Quem com dolo vier matricular-se;
 É lei que nunca tem de dispensar-se.
 Ó bellas, escutae d'um estudante
 Cordeaes expressões d'um terno amante
 Qual no tempo brumal brilham estrellas,
 Em cadurme apparecei, ó nymphas bellas.
 Amanhã é só d'amor conquista,
 Seja embora exaltada setembrista.
 E como os gostos sejam relativos,
 As feias tambem têm seus attractivos.
 Talvez descobrireis só sympathia
 N'este d'amores privativo dia.
 Que gosto para um pae, que foi amante,
 Ver finezas, que rende o estudante
 A filha para quem é dia de gala
 O dia d'amanhã?! Eis se regala
 A mãe, que em escolasticos primores
 Recordação vê dos seus amores,
 Que no laço ligaram mais sagrado
 Seu amante, consorte idolatrado.
 Dançarinos, casacas á franceza,
 Que negra fome soffreis á ingleza,
 Desportueza corja, estranheirada,
 Toda a nossa funcção vos é vedada.
 Vós, insignificantes caixeiritos,
 Por trazerdes enroscados carrapitos
 Pendentes dos tonsissimos toutiços
 Pensareis na funcção ser mettediços?
 Este dia de Minerva é só p'ros filhos!
 Respeito ámanhã, olá casquilhos;
 Mudos espectadores e mais nada,
 Aliás toda a chorina é agarrada;
 Malhaes logo no tanque de mergulho
 Em pena d'altivez, de tanto orgulho.
 Sem contemplação; lei, só lei valha,
 Para punir o furor de tal canalha.
 Outra vez, torno a vós, Evas formosas,
 Amanhã colhereis maçãs mimosas.
 Os olhos volveis mais scintillantes
 Em procura d'incognitos amantes.
 Mascara, exhibição, gostosa farça,
 Demanda só prazer, ternura e graça.
 É dia festival, d'aceio e brilho,
 Postiça côr, toucados, espartilho.
 Mas já n'outro hemispherio renascendo,
 Do nosso vae o sol desaparecendo.

Sentido: alto lá! digo em summa:
 A funcção d'ámanhã é supprassuma.
 Respeito em todos!... Nimphas, apparatus!
 Que este dia será a todos grato;
 Despedir-nos de vós é dado apenas,
 Ficae em leda paz, adeus pequenas.
 Mimosas mãos já, já, ide rufando,
 O dia festival annunciando.

FIM

Auctor — Padre Francisco José Vieira de Farla.
 Recitado por Antonio Joaquim d'Almeida Gouvêa.

Bando escolastico — 1840

Bem vindo seja de dezembro o quinto,
 Dia que par é d'ámanhã, só conta-se, (?)
 Dia de Nicolau tu me annuncia,
 Dia de Nicolau é mago dia.
 Tão dôce soa que parece até
 Que quem Nicolau diz, nós diz amores.
 Briosa mocidade, que por dita
 Tens d'augusta Minerva aberto o alcaçar,
 Exulta, que raiar a luz vae prestes,
 Que a vida traz aos definhados socios.
 Negros cuidados, despeitosas lidas,
 Despe d'alma cançada; exulta, exulta.
 Foros, que a antiguidade nos legara,
 Na temporal cadeia d'elo a elo
 Hão de intactos passar ao porvir nosso,
 Hão de intactos prender na eternidade.
 O logar do foral lá nos espera,
 Reunir-nos ali é quanto cumpre
 P'ra dar ao dia nome e gloria infinda.
 Mas que? Cautela, petimetre ousado,
 Não penses por vestir um casaquinho,
 Branca luva calçar, que esconde os calos
 Da grossa mão e por calçar cothurnos,
 Que o jambo pé maldiz por malcreado,
 Que has de tambem cingir altas insignias
 Aos filhos de Minerva, a nós só dadas.
 A mascara em tal dia é um privilegio,
 E quem o arroga sem lhe ser devido
 Ha de cara pagar sua ousadia;
 Banho de gêlo em chafariz 'spaçoso
 As carnes arrepiam em fria quadra;
 Pois tal é a sorte, que o audaz espera,
 Que emprehender tresloucado um tal arrojo.
 Sexo amavel, tambem quinhão partilhas
 Na grandeza sem par d'este almo dia.

E que fôra sem ti a juventude?
 Se tu não fôras, que contara a historia?
 Um riso approvador, que a nossos brincos
 D'esse labio escapar, botão mimoso,
 Da que a Aurora orvalhou purpura rosa,
 Nos seios d'alma brios nos embebe,
 Valor, coragem, pelas veias cõa,
 Será cada um de nós, cada um amante,
 Por teus influxos paladim valente.
 Puros brindes então d'amor primicias,
 Gostosos nós faremos á porfia.
 O rubro pomo, que assemelha a face,
 Que do seio pulando o pejo cõra,
 Colha de neve a mão, que torneada
 Sofregos beijos desafia a centos.
 Vêde que é cofre de segredo ás vezes,
 Pevide encerra d'onde amor se gera.
 Sexo de graças, feiticeiro sexo,
 Que n'um só vaso, confundido, encerras
 Nectar de vida com lethal veneno,
 Farol serás, que nos aponte o porto,
 Que da lida salvar nos ha de.
 Um mimo, um mimo teu, nos seja o premio,
 Temos ganhado a desejada corõa.
 Eia, socios, aos ares levantemos,
 Entre musicaes sons um viva d'alma :
 — Viva de Nicolau o excelso dia !

FIM

Bando escolastico — 1842

Lá de Minerva na palestra dura,
 Que a mente esmalta, que a rasão apura,
 A tenra juventude, noite e dia,
 Cruas fadigas sem cessar curtia.
 Só meigo olhar de magica belleza
 Via a furto dourar sua tristeza.
 E o velho tempo, que veloz girava,
 Parece que de manso se arrastava.
 Mas alfim Nicolau, o justo, o santo,
 Seu dia volve, suspirado ha tanto.
 Pesado veu, que o espaço ennegrecia,
 Já c'o as azas dissipa alma alegria.
 Tudo em torno sorri para que ovante
 O seu brilho ostentar possa o estudante.
 Como entre os gelos, que no monte alvejam,
 Surgem boninas, que loucas flamejam !
 Pois é só para honrar a funcção nossa,
 Que em nossos peitos o penar adoça.

Exulta Guimarães todo alegria,
Que o teu vae despontar mais fausto dia.
Recamos d'ouro, purpuras fulgentes,
Trajando os filhos teus, todos contentes,
Ao vêr nossas bandeiras tremulando,
Vão palmas, vivas mil ao ar lançando.
E vós, ó bellas, que no mar da vida
Sois luzente farol, remanso á lida,
Ó bellas, ah! de rosas enastrada,
Essa prisão d'amor, madeixa onçada,
Nas janellas mostrando o niveo rosto,
Para nós apurae ternura e gosto.
Depois que a rosea Aurora no horisonte
Rociar com seus cristaes o prado, o monte,
Espumantes corceis assoberbando,
Iremos todos, de prazer arfando,
Rubros pômos colher, maçãs mimosas,
Para vir offertar ás mais formosas.
Oh! offerenda que por nós colhida,
Toda ella é delicia, é toda vida!
Provae-as; sentireis d'amor ardente
Puro germen calar tão docemente.
Mas ah! se repellis nossa ternura,
Qual as vagas repelle a rocha dura,
Se baldos forem fervidos extremos,
Que tão do peito só por vós fazemos,
Não fieis na belleza encantadora,
Por de Páris, o pomo haver outr'ora;
Em justa pena dos repudios vossos
Só castanhas tereis, tereis tremoços,
Que ás mãos cheias nas ruas prodigamos
Ás velhas, aos rapazes, que encontramos.
Oh! volvei para nós, volvei piedosas
Essas copias do céu, faces mimosas.
Em tão puro jasmim, tão alta neve,
Um ósculo imprimir nenhum se atreve.
Se em vossos labios um sorriso adeja,
É todo o premio que o estudante almeja.
Nem vós lhe negareis ventura tanta,
Que a vossa gratidão a fama canta.
É que! se polidez, se alma virtude
Partilha são da sabia juventude,
Se sempre os labios expressões derramam
Que todas mimo os corações inflamam,
Qual ha casquilho ahi, qual ha farfante
Que dispute os laureis ao estudante?
Vale o ouropel com que a rudeza occultam
Sublimes dons, que tanto em nós avultam?
Mas no crastino dia, oh! lá nos montes
Devem de pejo acobertar as fronteas.
Quaes podem ante vós, de graça cheias,
Ledas farças travar, travar chorêas?
Só n'esta figurar funcção preclara
É dado de Minerva á prole cara.

Lei justa e santa, que de longas eras
 Com penas vigorou as mais severas.
 E no bronze gravada em nossa idade,¹
 Parelhas correrá co'a eternidade.
 Já n'este dia de immortal memoria
 Ouzarão mil e mil tão alta gloria
 E ao tanque do Toural no lôdo immundo
 Foram de rojo baquear ao fundo;
 Que insultem outra vez a lei sagrada,
 Que outra vez volverão ao lôdo, ao nada;
 Lanças enristem, arremessem pelouros,
 Jámais da frente nos cahirão os louros;
 Co'a egide de Minerva o alumno forte
 No campo da batalha é raio, é morte.
 « Cesse tudo que a musa antiga canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta. »
 Eia pois, socios meus, eia, mostremos
 Á terra, ao mar, ao céu, quanto podemos.
 Rufem tambores, as trombetas soem,
 Lá pelo valle, e pela serra echoem;
 E os sons festivos recolhendo Eólo
 Vá nas azas levar de pólo a pólo.

FIM

Auctor — Conego Antonio d'Oliveira Cardoso.
 Recitado por Fr. Ignacio Pereira do Lago.

Soneto

Para as cavalladas da noite de S. Nicolau no anno de 1842

Nem da noite a cortina opaca e fria,
 Que pelo espaço infindo se estendera,
 O fervor apagar em nós podera
 D'apurar mais e mais vossa alegria.

Corceis domando cheios d'ufania,
 Trajando veus, que nivea mão tecera,
 Canções mandamos á mais alta esfera,
 Que hoje trasborda em doce melodia.

Vimaranenses, oh! que alma ventura!
 Se este dia ao prazer téqui foi dado,
 Dada tambem desde hoje a noite escura.

Ó dignos cidadãos! ó sexo amado!
 Lenços ondeando de formosa alvura,
 Vivas soltae a Nicolau sagrado.

Auctor — Conego Antonio d'Oliveira Cardoso.

¹ Estatutos que se fizeram em 1837.

Bando escolastico — 1843

Os echos festivaes eis retumbando,
 Ó povos escutae o alegre bando,
 Que funcção sem egual vos annuncia
 N'este a vós dedicado grande dia.
 Nossos votos ouvi, Nicolau santo,
 Junto ao supremo throno sacrosanto,
 Onde com indizível claridade
 Pão visível se mostra a Divindade.
 A vossos beneficios sempre grata,
 Anciosa a juventude se precata.
 Como brilha amanhã só o estudante
 Dos clarins sôa o echo alti-sonante.
 Mais ao longe, attendei, ó habitantes,
 Lá vêm ornados carros consonantes,
 Com harmonica e alegre melodia
 Exhições e farças d'alegria.
 Esta villa amanhã é um paraíso,
 Gosto tudo será, prazer e riso.
 Senão fôsse este tão glorioso dia*
 Dos estudos o afan quem soffreria?
 Quem a estalante palmatoria,
 P'ra avivar a agudeza e a memoria?
 Às unhas! brada e tremebunda soa.
 Essa voz magistræl, que tanto atroa.
 Quanto tem a lidar o entendimento,
 N'essa arte que dirige o pensamento?
 Subtil e metaphysico s'esmera
 Em demonstração tanta e tão severa.
 Com ornada facundia vem Romano,
 Difficil phraseador, Quintiliano.
 Ó bellas, d'este dia que sois alma,
 Sem rhetorica ter, levae a palma;
 Oradoras sois, natural fallando
 E os nossos corações arrebatando.
 Não pára aqui do estudante a lida
 Consume as forças, o alento, a vida
 Nas leis, na moral, e sacra theologia,
 Sublime e divinal sabedoria;
 Sem o seu bem dizer, pensar profundo,
 Nação, direito e paz não via o mundo.
 E pensavas competir commosco ávante
 Sem aulas frequentar, rude pedante?
 Em sessão, nossa junta veneranda
 Com severo rigor decreta e manda:
 Sem ao menos assidua frequencia
 Por inteiro semestre e com decencia,
 Algum que fôsse já controvertido,
 Da nossa tão alta funcção será banido.
 Madamas, não penseis que m'esquecia
 De testar-vos amor e sympathia.
 Aqui tens, minha amada, o teu amante
 Que pede em recompensa amor constante.

Eu chamo a todas vós, moças solteiras,
 Aparecei-nos galhardas, falladeiras.
 Em nossos corações accendei chammas,
 Nos vossos respondei lindas madamas:
 Como sorris á ode do casamento,
 Da funcção d'amanhã sêde ornamento,
 Com quem sympathisar o vosso agrado,
 Nicolau abençoará o nó sagrado.
 Casquilhos, alto lá! vão escutando:
 Respeite-se amanhã o nosso mando.
 Algum de vestezinha estrangeirada,
 Usuraria, perjura caixeirada,
 Qualquer outro, que seja delinquente,
 Mergulhado no tanque é de repente.
 Podem, sim, disfructar festejos varios,
 Mas só os estudantes funcionarios.
 O tambor annunciando, siga avante,
 O dia em que só brilha o estudante.

FIM

Auctor — Padre Francisco José Vieira de Faria.
 Recitado por Manoel José Salgado.

Bando escolastico—1844

Vem, grande Nicolau, vem n'este dia,
 Encher a Guimarães d'alma alegria.
 Téqui a juventude desditosa,
 Sentada á banca velha e carunchosa,
 Só tivera orações, tanta figura,
 Que lhe dá desprazer, causa amargura.
 Dilemmas, inducções e syllogismos,
 Têm sido para nós montões d'abysmos.
 Longos dias passamos lá na escola,
 Mas nada do que lêmos nos consola;
 Vem, grande Nicolau, vem n'este dia,
 Encher a Guimarães d'alma alegria.
 Aos nossos corações encher d'alento,
 Vales mais para nós, que alto sustento;
 Acabou-se o penar d'um estudante,
 Esqueça-se o passado n'este instante.
 Férias dá Nicolau á mocidade;
 Brinquedos folgasões da nossa edade,
 Em honra e em louvor, gratidão sua,
 Do quinto de dezembro veja a lua;
 E veja o sol tambem do sexto dia
 Com perfeito prazer, viva alegria.
 Em todo o Guimarães vejam-se as bellas
 Sem susto, sem receio, nas janellas.

Juiz hoje não ha insulso e pêco,
 Que se atreva a tolher nosso embelêco;
 Nem tão pouco haverá caturras paes,
 Que as filhas afferrolh' em dias taes.
 Vem sexo encantador, sexo do gosto,
 Mostrar aos estudantes o teu rosto,
 Estudantes, a flôr da sociedade,
 Mancebos, com primor, com gravidade,
 Bucefalos rasteiros saltem, rinchem,
 Airosos pelas ruas corram, pinchem:
 Corra-se em Guimarães por qualquer rua,
 Do grande Nicolau em honra sua.
 Farças, exhibições, em toda a parte,
 Comecem desde já com graça e arte.
 A toque de tambor, rufo de caixa,
 Tudo hoje um estudante alaga e racha.
 Vem, grande Nicolau, vem n'este dia,
 Encher a Guimarães d'alma alegria.
 Que gloria para vós, ó sexo amavel,
 N'este dia sem par, tão respeitavel,
 Em vêr a vossos pés cada estudante
 Mil finezas rendendo a cada instante?
 Já que o tempo veloz tão breve foge,
 Apressae-vos ó bellas: tempo é hoje;
 Enchei por uma vez vossos desejos,
 Tomae dos estudantes magos beijos.
 Tomae-lhes com presteza os niveos braços,
 Que abertos vos off'recem mil abraços;
 Tomae-lhes do alvo peito o rubro pômo,
 Em nada receeis feições de Mómo.
 Antigos trajés, mascaras horrendas,
 Não vos encobrem, não, feições tremendas.
 Só graças juvenis, altivos brios,
 Occultam semelhantes atavios.
 Vossos peitos abri, sexo mimoso,
 Frui hoje d'amor ardente gôso.
 Ouvidos não presteis ao caixeirinho,
 Que quer do deus d'amor seguir caminho;
 Nada tem que vos dar, faltam-lhe as graças.
 Só nos pôde causar tristes desgraças.
 Attendei, escutai qualquer 'studante,
 Só esse é capaz de ser amante.
 Vem, grande Nicolau, vem n'este dia,
 Encher a Guimarães d'alma alegria.
 Em honra vossa, Nicolau sagrado,
 Tudo nos dá prazer e causa agrado.
 Ancioso nos pula o coração
 Apenas nos lembrar vossa funcção.
 Funcção que é tão antiga e tão brilhante,
 E em que só pôde entrar cada estudante.
 Se alguém se entremetter n'este brinquedo,
 Bem mal se sahirá do seu folguêdo;
 Açoutes, pontapés e chicotadas,
 De sobejo terá entre apupadas;

O tanque do Tóural, bem cheio d'agua,
Seus brincos tornará em triste magua.
E tu, boçal Cabido, que roubaste
O que era nosso e em teus papeis achaste,
Não zombes, não, do misero estudante,
Que com dolo venceste, rapinante;
Um dia lá virá em que julgado
Talvez melhor serás e castigado.
Vós, escolastica grei, tomae sentido,
Que seja á risca o bando bem cumprido,
Porque ao som do tambôr, que vae rufando,
Ao ar em alto som o vou lançando.

FIM

Auctor — Dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas.

(Continúa).